

Formação da literatura brasileira nos anos 1950

Bernardo Ricupero¹

Em 1959 é publicado *Formação da literatura brasileira*. No mesmo ano também sai *Formação econômica do Brasil* e, no ano anterior, tinha sido editado *Os donos do poder*. Talvez se pudesse comparar esse “momento decisivo” com outro, os anos 1930 e 1940, quando foram publicados *Casa Grande & Senzala* (1933), *Raízes do Brasil* (1936) e *Formação do Brasil contemporâneo* (1942).

Como apontou Antonio Candido, esses livros foram centrais para sua geração, ao ajudarem-a a superar a anterior visão naturalista do Brasil.² Em poucas palavras, se antes, o que se ressaltava no país era o meio físico e as raças que nos constituíam, passou-se naqueles anos a se prestar mais atenção ao peso de fatores históricos e sociais naquilo que somos.

Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. não deixaram de se beneficiar pelos ventos renovadores que sopravam desde a década de 1920 e se tornaram irreversíveis em 1930. É interessante que cada um deles, a seu modo, reagiu à Revolução do mesmo ano.

Casa Grande & Senzala é um produto da “aventura do exílio”, além do mundo rural e patriarcal que seu autor pretendia trazer de volta, nem que fosse pela memória, desaparece definitivamente com o incremento da industrialização e da urbanização. Mas mais importante, Freyre propõe um certo programa para a modernização conservadora, então impulsionada, sendo, em grande parte, uma criação sua a própria imagem do Brasil como um país mestiço.³ Já *Raízes do Brasil*, além de ter pouca simpatia por muitas das tendências autoritárias do

¹ Bernardo Ricupero é professor do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP).

² Antonio Candido, “O significado de *Raízes do Brasil*” in Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1978.

³ Ver: Elide Rugai Bastos, *As criaturas de Prometeus*, São Paulo, Global, 2006.

governo saído da Revolução de 1930, parece desejar diluir o peso das transformações que ele impulsiona, enfatizando mudanças moleculares que, há algum tempo, já se chocariam com as origens ibéricas e rurais do país. Em orientação oposta, *Formação do Brasil contemporâneo*, ao “ir tão longe”, até o início do século XIX, para chegar ao “Brasil de hoje”, ressalta principalmente a continuidade entre a antiga colônia e a nação nascente.

Possivelmente tão importante quanto, depois de 1930 ocorre, como também notou Candido, uma verdadeira “rotinização do modernismo”, a iconoclastia dos anos 1920 cedendo lugar a uma atitude mais refletida expressa, entre outras iniciativas, em ensaios de interpretação do Brasil.⁴ Não por acaso, os autores de *Casa Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil* e *Formação do Brasil contemporâneo* também tiveram, de uma maneira ou de outra, ligação com o modernismo; Freyre tendo sido redator do manifesto do Movimento Regionalista do Nordeste, Holanda correspondente da revista *Klaxon* e editor da revista *Estética* e Prado Jr. espectador, ainda garoto, da Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo.⁵

Diferente dos autores de *Casa Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil* e *Formação do Brasil contemporâneo*, os autores de *Os donos do poder*, *Formação da literatura brasileira* e *Formação econômica do Brasil* escrevem no momento alto da experiência democrática que vigorou entre 1945 e 1964, o governo Juscelino Kubitschek. Suas posições em relação a esse período são, porém, muito diferentes.

Furtado esteve diretamente envolvido com alguns governos do período, além de *Formação econômica do Brasil* destacar a mudança na economia brasileira representada pela industrialização impulsionada depois de 1930. Faoro, por sua vez, é cético em relação a esse

⁴ Candido, “A Revolução de 1930 e a cultura” in *A educação pela noite*, São Paulo, 1989.

⁵ Já na década de 1930, o autor de *Evolução política do Brasil* fez parte, junto com seu irmão, o pintor Carlos Prado, do Club de Artistas Modernos (CAM), tendo proferido nele, depois da sua primeira viagem à União Soviética, palestras sobre o “país dos soviets”.

processo, avaliando, em *Os donos do poder*, que a indústria desenvolvida sob o impulso do Estado é artificial, não rompendo com o capitalismo politicamente orientado dominante desde os tempos da colônia. Candido, finalmente, não trata diretamente de sua época, mas o próprio tema de *Formação da literatura brasileira*, que vai além de histórias da literatura brasileira convencionais, destacando “momentos decisivos” de uma “literatura empenhada”, não deixa de estar relacionado com o clima nacionalista de quando o livro é escrito.

A década de 1950 também é, em boa medida, diferente da de 1930 em razão de já existir no Brasil um sistema universitário relativamente consolidado. Nessa referência, os livros de Candido e Furtado são expressão direta da universidade, ao não realizarem mais grandes ensaios de “interpretação do Brasil”, mas voltarem-se para áreas específicas, como a literatura e a economia.

Além do mais, eles ou são produto do treinamento realizado no interior da universidade ou voltam-se especialmente para o público que se forma em torno de cursos novos, como letras e economia. Sinal desse novo ambiente é também o aparecimento, no campo da sociologia, de *A integração do negro na sociedade de classes*, que Florestan Fernandes publica, não muito depois, em 1964. Faoro é, contudo, uma espécie de deslocado, um bacharel em direito que escreve um ensaio de interpretação do Brasil num momento em que nem essa disciplina nem esse gênero têm o mesmo peso que já tiveram.

Para além do momento em que são publicados, *Formação da literatura brasileira* e *Formação econômica do Brasil* aproximam-se especialmente de *Formação do Brasil contemporâneo*. Como os próprios títulos indicam e Paulo Arantes chamou a atenção, esses são livros para os quais o tema da formação é central.⁶

⁶ Paulo Arantes, “Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo” in Paulo e Oflia Arantes, *Sentido de formação*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

Os subtítulos de *Casa Grande & Senzala* e *Os donos do poder* – respectivamente “formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal” e “formação do patronato político brasileiro” – poderiam enganar e sugerir que eles pertencem à mesma família de livros. No entanto, a ordem de preocupações de Freyre e Faoro afasta-os de Prado Jr., Furtado e Candido. *Casa Grande & Senzala* e *Os donos do poder* também divergem entre si, o primeiro livro avaliando positivamente a “formação da família (patriarcal) brasileira”, que estabeleceria uma sociabilidade marcada pela proximidade, ao passo que o segundo livro vê negativamente a “formação do patronato político brasileiro”, que usurparia a soberania popular.

Mais importante, o tema da formação nos livros de Prado Jr., Furtado e Candido relaciona-se com a passagem da colônia para a nação, referidos, grosso modo, em termos de situação heteronômica e autônoma. Não é essa a questão para Freyre, que considera que o patriarcalismo já se formou na colônia e muito menos para Faoro, segundo o qual, o patronato político viria de Portugal. Mesmo *Raízes do Brasil*, cujo título pode ser interpretado como próximo da preocupação com a formação, tem, diferente de *Formação do Brasil contemporâneo*, *Formação da literatura brasileira* e *Formação econômica do Brasil*, uma postura culturalista, em que relaciona “nossa revolução” à superação das origens ibéricas e rurais do país.

Numa outra orientação, o livro de Candido, apesar de seu tema, associa a formação da literatura brasileira à criação de um sistema literário, em que estariam presentes produtores literários (escritores), receptores literários (público) e uma linguagem capaz de estabelecer comunicação entre eles. Caracterização que não está tão longe da associação por parte de

Furtado da formação econômica do Brasil à “emergência de um sistema cujo principal centro dinâmico é o mercado interno”.⁷

Não menos significativas são, todavia, as diferenças entre a formação da literatura brasileira e a formação econômica do Brasil. A principal delas é que o primeiro processo se completou, por volta do final do século XIX, enquanto na economia, a construção, para falar como Furtado, foi interrompida.⁸

Por outro lado, justamente porque a formação da literatura brasileira se realizou pôde aparecer um escritor como Machado de Assis. Melhor, o ponto alto da literatura brasileira se dá com um autor capaz de expressar na sua obra as condições dessa sociedade particular, má formada. Não por acaso, *Formação da literatura brasileira* encerra sua análise no momento quando já estão maduras as condições para o aparecimento de tal escritor.

⁷ Celso Furtado, *Formação econômica do Brasil*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1991, p. 233.

⁸ Ver: Roberto Schwarz, “Os sete fôlegos de um livro” in *Sequências Brasileiras*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999.